

Aspectos da mobilização coletiva nos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul e seu impacto nas práticas músico-educativas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Lúcia Helena Pereira Teixeira¹
UFRGS – lhpteixeira@yahoo.com.br

Resumo: este trabalho apresenta análises parciais dos dados de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem por foco as aprendizagens musicais engendradas nos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul, realizados durante o período 1963-1978. A investigação inscreve-se em uma abordagem qualitativa, utiliza-se da história oral temática (MEIHY, 2005), e apresenta também como fontes de dados, além das entrevistas, artigos de jornais, cartas e programas de apresentações musicais. O referencial teórico apoia-se nos estudos sobre movimentos sociais e culturais, já que esse campo serve de ferramenta analítica para a compreensão dos dados.

Palavras-chave: Festivais de coros. Canto coral. Mobilização coletiva. Práticas músico-educativas

Aspects of collective mobilization in Choir Festivals, in southern Brazil (RS), and its impact on music educational practices

Abstract: this paper presents partial data analyses from an in progress doctorate research that has as main objective the musical learning engendered in Choir Festivals, in southern Brazil (RS), during the period 1963-1978. The research is based on a qualitative approach, uses the thematic oral history (MEIHY, 2005) and presents as data sources, besides the interviews, newspaper articles, letters and musical performances programs. The theoretical approach is supported by the social and cultural movements studies, whereas this field works as analytical tool for the data comprehension.

Keywords: Choir festivals. Choral singing. Collective mobilization. Music educational practices

1. Introdução

Esta comunicação tem por objetivo apresentar análises preliminares dos dados de uma pesquisa de doutorado² que tem por foco as aprendizagens musicais engendradas nos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul, realizados durante o período 1963-1978.

Os Festivais de Coros do Rio Grande do Sul tiveram, inicialmente, em 1963, caráter regional, com a participação de coros do estado. Em 1968 passou a ser nacional e em 1970 ocorreu o primeiro Festival Pan-americano de Coros, que voltou a se repetir em 1972. Já, em 1973, aconteceu o 1º Festival Internacional de Coros, tendo seguido com essa designação até 1978. Cabe ressaltar que, nessa data, com a morte de um dos organizadores

dos Festivais, houve interrupção dos eventos que acabaram por retornar anos mais adiante sob a organização da recém instituída Federação de Coros do Rio Grande do Sul (FECORS).

O tema foi escolhido porque a atividade coral representa minha área de atuação profissional e porque o período de 1963 a 1978 foi o impulsionador dos Festivais de Coros no Rio Grande do Sul. Fui tomada por uma curiosidade crescente pelo tema a partir da conversa com regentes, cantores, ou indivíduos participantes dos Festivais àquela época e ligados, de alguma forma, à Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul³.

No contexto dos Festivais de Coros, durante o período estudado nesta investigação, os agentes sociais envolvidos – plateia, cantores, regentes, organizadores, apoiadores, patrocinadores e parceiros formavam uma rede que gerava e impulsionava aprendizagens musicais. Para compreendê-las, torna-se necessário conhecer a dinâmica dos Festivais e os papéis dos agentes envolvidos.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender as aprendizagens musicais engendradas nos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul, realizados durante o período 1963-1978, vistas através da ferramenta analítica dos movimentos sociais e culturais. Como objetivos específicos, a pesquisa buscará: 1) examinar como eram mobilizadas as práticas músico-educativas nos Festivais de Coros; 2) descrever e analisar quais práticas músico-educativas eram geradas e impulsionadas pela dinâmica dos Festivais.

2. Aspectos metodológicos

A investigação inscreve-se em uma abordagem qualitativa na qual todos os procedimentos teórico-metodológicos estão voltados à compreensão da maneira como os sujeitos interpretam e estruturam o mundo social vivido. Muito mais que descrever fatos reais sobre os acontecimentos dos Festivais de Coros, a pesquisa apresenta uma “construção de textos que dizem respeito a fatos socialmente construídos e que mantêm a consciência da distância que separa a interpretação da ‘realidade’” (MELUCCI, 2005, p. 34).

A escolha da técnica de entrevista em história oral temática (MEIHY, 2005) para esta investigação se justifica porque permite compreender a relação entre o individual e a realidade vivida, visto que os entrevistados passam a não ser tratados como simples depoentes, mas como autores das histórias (PORTELLI, 2011). A história oral temática possibilita, ainda, o diálogo dos documentos orais com outras fontes de dados.

Até este momento foram entrevistados três regentes, três ex-cantores e a filha de um dos principais organizadores dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul. O número de colaboradores será definido por possibilidade de contato com regentes e/ou ex-cantores na

cidade de Porto Alegre, no interior do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil e, eventualmente, no exterior (Peru, Uruguai, Argentina, Chile⁴), bem como com ex-integrantes da Associação dos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul e com jornalistas que trabalhavam no *Correio do Povo*⁵, periódico que fazia a cobertura jornalística dos eventos. O número aproximado de entrevistados deverá chegar a vinte e um participantes.

A investigação tem também como fontes de dados um corpus documental constituído de artigos de jornais de 1963 a 1978, cartas ou documentos de família (CELLARD, 2010), redigidas por um dos organizadores dos eventos a instituições, regentes, autoridades estaduais e federais e a amigos, bem como programas das apresentações musicais.

3. Análises preliminares

Nesta investigação os movimentos sociais e culturais têm servido como categoria de análise dos dados coletados, já que as aprendizagens geradas e impulsionadas pelos Festivais de Coros estão sendo vistas através daquelas lentes.

Para Melucci (2001) há elementos que se combinam na constituição de um ator coletivo, tais como processos de mobilização dos agentes sociais, formas organizativas, modelos de liderança, ideologias, formas de comunicação e relações com outros atores externos ao próprio movimento. No caso dos Festivais de Coros, os aspectos da ação coletiva estão diretamente relacionados a cada edição anual do evento, às apresentações dos grupos, às interações entre regentes, cantores, público, comissão organizadora da Associação dos Festivais, outras entidades e patrocinadores.

Diani (1992) ressalta que são as redes sociais estabelecidas entre os atores que mantêm o movimento. Nessa perspectiva Agostinho Ruschel, um dos regentes entrevistados, destaca que os processos de mobilização nos Festivais, àquela época, eram “fruto daquela convivência toda, daquele aprendizado todo, aquele clima positivo de impulso, de incentivo pra cantar” (EA 24-04-12).

Como mobilização coletiva, pode ser ainda ressaltada a contribuição dos Festivais de Coros na preparação dos grupos para as edições posteriores, ou seja, visando o retorno ao evento. Nesse sentido Osório Stoffel, outro regente entrevistado, salienta: “Depois foi aumentando, e mais corais querendo se apresentar, querendo participar dos Festivais. Nós [chegamos] num ponto tal, num fanatismo tal que, quando terminou o Festival, o pensamento já era a preparação para o outro. Isto era fundamental” (EO 02-05-12).

Schmitz, Mota e Cardoso (2010) enfatizam que um movimento social, como forma de ação coletiva organizada, ocorre em um dado tempo e tem certa duração. Esse sentido de permanência de um movimento social e cultural é também um dos aspectos que dão suporte à sua capacidade de mobilização coletiva. Os Festivais de Coros do Rio Grande do Sul também se caracterizaram pela permanência, uma vez que duraram dezesseis anos e durante esse período houve uma mobilização relevante em número de coros e cantores participantes de diferentes estados brasileiros e mesmo de outros países.

Como aspecto diacrônico da mobilização coletiva, pode ser salientado o envio de cartas, pelo Sr. João de Souza Ribeiro,⁶ a apoiadores, financiadores dos Festivais, a outras entidades e também a amigos. Essas articulações por meio de cartas ocorriam ao longo de todo o ano, iniciando assim que findava cada edição. Essa prática fundamenta-se na noção de que para que a mobilização coletiva ocorra, essas conexões entre os agentes precisam ser constantemente ativadas.

Também os ensaios dos coros representam outro aspecto diacrônico que mobilizava os grupos e regentes de um evento ao próximo, visando à sua participação no Festival do ano seguinte. Miriam Matte, uma das ex-cantoras entrevistadas, bem como alguns dos artigos do *Correio do Povo* com entrevistas de regentes participantes, ressalta que os coros se preparavam “o ano inteiro” para a edição seguinte dos Festivais, funcionando o evento como propulsor dessa prática músico-educativa no estado.

Agostinho Ruschel também reitera que os Festivais eram o principal motivo da preparação dos coros: “A perspectiva do ano era o Festival de Coros. O mês de outubro era esperado. Então, praticamente já as músicas que a gente ia cantar no Festival, essas já eram badaladas, já eram ensaiadas, eram passadas. Chegava o Festival, estavam todas prontas” (EA 24-04-12).

Havia ainda uma preocupação com o repertório: “A gente já pensava, a gente inclusive já comentava – ‘bah, o ano que vem nós podíamos cantar aquela música, aquela, aquela outra e tal.’ Quer dizer, havia sempre uma perspectiva; o ponto de referência era o Festival de Coros, né?” (EA 24-04-12).

A aprendizagem musical dos cantores acabava ocorrendo do aspecto sincrônico – do aprendizado como plateia dos outros grupos – ao diacrônico, durante todo o ano, ocupados com o domínio de um repertório escolhido para a apresentação ao público dos Festivais, como se refere Agostinho Ruschel:

Aos poucos, cada coral queria mostrar uma coisa diferente, também, sabe? Todo mundo queria, né, queria tá na mídia [rindo], entende? Não pra querer ser melhor que o outro, mas [porque] queriam oferecer uma coisa diferente para o público, né, isso era o que atraía o público também. Esperavam os corais: ‘vamos ver o que que esse vai fazer e o que esse aqui’ (EA 24-04-12).

Miriam Matte relata que “sempre tinha coisas inéditas de todos os corais. Todo mundo levava muito a sério. Os regentes e os cantores também levavam muito a sério o Festival. Aquilo lá era, assim, o suprasumo pra nós, né?” (EM 28-10-11)

Conforme Gil de Roca Sales, um dos regentes entrevistados, “o repertório dos nossos coros, aqui, era muito limitado, muito restrito” e ele viajava ao Rio de Janeiro para comprar partituras corais para seus grupos. Conta, também, que “os coros iam fazendo intercâmbio. Especialmente os que vinham da Argentina, do Chile, de fora do Brasil, pois a tradição deles é mais antiga que a nossa. Os nossos coros aqui do Brasil iam pedindo músicas de outros países. Isso me chamou a atenção. Isso foi variando muito o repertório” (EG 06-01-12).

Agostinho Ruschel lembra, ainda, que os Festivais geraram necessidades de os coros e regentes se encontrarem fora do âmbito do próprio Festival, durante o ano, a fim de interagirem e darem sequência a um processo formativo iniciado ou fomentado pelos Festivais, evidenciando ambos os aspectos sincrônico e diacrônico em relação ao evento:

A: Havia reuniões de regentes, às vezes, né. Principalmente, assim, começou a haver mais encontros de coros e o que significa isso? O pessoal estava mais junto; a gente conversava mais uns com os outros, trocava mais ideias, buscava. Um perguntava uma coisa pra gente, eu perguntava uma coisa para o outro. A gente ia se informando, porque internet, essa coisa não havia há 25 anos, 30 anos atrás tu não podia baixar uma partitura!

L: Esses encontros fora do Festival?

A: Fora do Festival. Fora desse Festival. O Festival motivava encontros e tal e, quando esses corais se encontravam, se falava desse Festival. Se trocava ideia: ‘ah, tá, como é que é, como é que não é... tu conseguiu aquilo lá?’ Havia, assim, essa busca, sabe, de leitura, estudo pessoal e tal. [...] O que se dava era nesse campo, essa busca pessoal; o cara se interessava em buscar, em estudar, em se informar e, né, e buscar as coisas. (EA 24-04-12)

4. Algumas considerações

Os Festivais de Coros foram geradores e catalisadores de práticas músico-educativas, capazes de mobilizar os coros (regentes, cantores, coordenadores) na geração de um primeiro evento, e continuar dinamizando esse processo de mobilização coletiva durante o tempo de dezesseis anos (característica de permanência). Compreender as aprendizagens musicais engendradas nos Festivais, vistas através da ferramenta analítica dos movimentos

sociais e culturais só é possível se considerarmos a mobilização e interação de todos os atores sociais envolvidos naqueles eventos e a repercussão de sua ação nas práticas músico-educativas.

A pesquisa é relevante para a área da Educação Musical porque ajuda a desvelar aspectos da transmissão/apropriação musical no contexto dos Festivais de Coros, vistos com as lentes de um movimento sócio-educativo-musical.

Referências

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Sociologia).

DIANI, Mario. The concept of social movement. **The Sociological Review**, v. 40, February 1992. p. 1-25. Disponível em: <
http://www.academia.edu/232204/The_Concept_of_Social_Movement >. Acesso em: 15 out. 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005. P. 25-42.

PORTELLI, Alessandro. Entrevista. In: **Revista Historiar**. Universidade Estadual Vale do Acaraú, v. 4, n. 4 (jan./ jun. 2011). Sobral – CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267 [WWW.uvanet.br/revistahistoriar]

SCHMITZ, Heribert; MOTA, Dalva Maria da; CARDOSO, Luís Fernando Cardoso e. Movimento das Catadoras de Mangaba: a conquista de uma identidade. In: SEMINÁRIO NACIONAL, 3.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 1., 2010, Florianópolis, UFSC. **Anais...** Florianópolis: 2010.

Notas

¹ Bolsista do CNPq

² Pesquisa de doutorado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da prof^a Dra. Jusamara Souza.

³ Associação criada a partir do 1º Festival de Coros, em 1963, e que era a responsável pela organização e logística dos Festivais de Coros.

⁴ Alguns dos países participantes dos Festivais de Coros

⁵ Um dos jornais de Porto Alegre

⁶ Secretário da Associação dos Festivais de Coros e seu principal articulador.